

## Francisco Morato\*.

*Mário Hoepfner Dutra*

Que fadário feliz este meu e quanta alegria me desponta n'alma por encontrar-me aqui, diante de vós, eleito que fui pela vossa bondade para integrar este cenáculo majestoso e poder desfrutar da vossa honrosa amizade, carinho e ainda abeberar-me do saber que propiciais em todas as trilhas do pensamento, doce néctar para deleite do espírito que somente aos afortunados é dado delibar.

Que fadário feliz este meu e que honraria soberana esplendê o galardão que me foi outorgado, de caber a mim<sup>1</sup> a escolha do patrono da cadeira, proporcionando-me o regalo de entalhar em seu dossel, em iluminuras, o nome de um vulto inesquecível, para que em seus rendilhados áuricos sempre perdure, na projeção que terá a nossa gloriosa Academia Paulista de Direito.

Confesso-vos que não sei se poderei desobrigar-me de tão sutil empenho, faina que está a exigir de mim préstimos tão supernais e moldados em tais excelsitudes de que me sinto carecente. Mas, delegado que me foi o dever, tudo hei de fazer para cumpri-lo, afervorando o ânimo sempre crescente no bem servir. Vazado na fé, creio que hei de fazê-lo e, com a alma pulsada em devotamento quase hierático, procurarei realçar a beleza que se encastrou numa existência de-

---

\*. Discurso de posse na ACADEMIA PAULISTA DE DIREITO, pronunciado na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, no dia 18 de dezembro de 1975.

votada ao bem, agrinaldada de saber e de sublime espiritualidade.

Hei de fazê-lo, senão com os primores de um hábil to-reuta, por faltar-me a destreza requerida, pelo menos com mãos retráteis maneadas em doçura e com a veneração sempre a campear meu desígnio. Assim, saberão elas cursar o buril e imprimir-lhe o divino sopro que o madeiro nobre exige e deixar transparecer nas velaturas o nome augusto de FRANCISCO ANTÔNIO DE ALMEIDA MORATO.

Elegi-o patrono de minha cadeira porque FRANCISCO MORATO era um conspícuo homem público, exímio e provecto advogado, mestre incomparável e insígne, jurista excelso e um grande sacerdote do Direito.

Plutarco, em referência a Alexandre, nas *Vidas Paralelas*, escreveu que os pintores, em seus retratos, procuram aprimorar as feições e a expressão dos olhos de suas figuras para assim melhor despontarem a personalidade, esquecendo-se não raro de outras aparências que traduziriam as profundezas espirituais onde um biógrafo perspicaz poderia inspirar-se para melhor estilizar a pessoa do retratado.

Valham-me os ensinamentos do moralista de Queroneia.

Deixarei que outros, mais versáteis, com maior apuro e mestria, pinchem a figura enaltecida, e nela, o perfil do homem nobre, magnificante em sua individualidade, de virtudes sobejas a sobalçar-lhe o espírito, e contar do coração que pulsava doçura e generosidade, porque nele tudo se mesclava em carinho, ternura e amor.

Cuidarei, em minha oblação, de levantar ao céu o enlevo que conchega em minha alma ternecida na saudade, desde que a saudade traz em si os primores da eternidade do amor. Já se disse, em serena reflexão, que “a saudade são os cabelos brancos do coração”.

Procurarei, na singelez do encômio, assinalar a incansável luta do homem que, aformoseado na subtileza de uma criatura de Goethe, se projetou como um lidador coroadado de mirtos na peregrinação encetada em busca de ideal.

Nele, o gênio madrugou. Em Piracicaba, seu amado torrão, onde nasceu no dia 17 de outubro de 1868, iniciou sua fulgurante carreira, cedo cantando com acrisolado amor em destemidos artigos pela imprensa os vultos que cultuaram sua terra e a pujança de todos nós paulistas e brasileiros, a tudo sobrepondo a tradição de um povo que se plasmava rigorosamente dentro do trinômio: Deus, Pátria e Família, porque — dizia ele: — “uma nação sem tradições é uma coletividade sem cultura, sem vida, sem consciência de si mesma”

Professava sua fé inabalável no Cristianismo, sempre estimando o cumprimento dos deveres para com Deus, para com o próximo e para consigo mesmo, para assim atingir um êxtase espiritual, “um estado de doçura infinita para a alma católica, um remanso em que se estenuam, definham e somem os contratempos e desenganos desta vida perecedeira”

Dentro da mais viva simpatia, a sua voz ergueu-se num Congresso Religioso promovido pelos Salesianos de São Paulo, onde, com a limpidez de sua linguagem proclamou: “Não há nenhuma beleza terrestre, nenhum reluzir de metais, nenhum frescor de florestas, nenhuma púrpura de rosas, nenhum som de música, nenhum inebriamento de aroma, nenhuma suavidade de gosto, nenhuns enlevos de carícias, que se possam comparar à beleza e à doçura da virtude cristã. Nós não vos proibimos de amar, exclama enfaticamente o grande príncipe da filosofia e da oratória; nós vos proibimos de amar aquilo que não deve ser amado e vos exortamos a amar aquilo que deve ser amado”.

“Depositou o Criador no íntimo da criatura o amor como princípio de moralidade, a fim de se servir dele o homem para se guindar aos domínios da razão e da virtude. É

triumfando, pelo próprio esforço, das pequenezas da baixa animalidade e jugulando as tendências mesquinhas da natureza, que o homem se alça até as bênçãos e afeição do Infinito.”

A sua fé entrançava-se à sublimidade de tais virtudes e elevava-se em todos os gestos humanos em doçura, sempre prosternando a alma unguida aos pés do Criador.

Havia em FRANCISCO MORATO uma profissão de fé tradicionalista a serviço das causas supremas. Com a voz tonificada no alento para a luta, exortando espíritos e exornando consciências, num verbo de luz e verdade, um dia predicou aos seus discípulos: “Tende coragem e firmeza: é assim que se chega às alturas, é assim que o cidadão se faz digno da pátria”.

Nesta elocução, há como que uma profecia de seus passos, uma legenda a engrinaldar o ânimo que sempre escudou em sua missão histórica, tudo efervecido no louvor que votava a sua pátria, que tanto amou, sublimou e enalteceu.

Jovem ainda, em sua terra natal, exerceu o Ministério Público e, esgrimindo pela imprensa, em artigos sucessivos, foi um estrênuo defensor do regime monárquico.

Com o advento da República, sua vibração não se desvaneceu.

Jungido a uma plêiade de nacionalistas sobranceiros, inscreveu-se como um dos membros da “Liga Nacionalista” e com denodo e afervorado patriotismo escreveu uma das páginas mais eloqüentes que os fastos de nossas lutas políticas registram.

Fundou o Partido Democrático, do qual foi Presidente e o seu nome já escañelara os portais da nomeada quando foi eleito Deputado Federal por São Paulo.

No exercício de seu mandato, mereceu de seus pares o maior respeito, pela grandeza de sua alma, pela dedicação à causa pública, pelo talento e a onímoda cultura que o distinguia.

O país atravessava, então, um período agudo de remodelação política, e a sua voz sempre escandida de civismo e visão transcendente, ligou-se à causa da remodelação.

Venceu. Com os vencedores teve em suas mãos as palmas do quadro político reinante, e nelas, tudo quanto almejasse, inclusive o governo desta terra bandeirante, se o tivesse desejado. Mas a sua dignidade, a sua honradez, a sua destemida coragem e a suprema elevação do ideal eram barreiras que se erguiam às veniagens, que a tantos seduziu nos atropelos prófugos.

Perdia-se, então, o equilíbrio das coisas, num sectarismo de moral prática, não raro descambado para o aético, na ânsia de renovação entre o velho e o novo, tão próprio das transmutações radicais.

Era o regime novo, e os regimes adolescentes, como judiciosamente observou ALCÂNTARA MACHADO, “têm os mesmos defeitos da mocidade: são impacientes, dogmáticos, irreverentes, iconoclastas, como todos os moços... Demolir o que existe para levantar em bases diferentes, com materiais diversos, outras construções é a ânsia irreprimível dos governos que sobrevêm às revoluções”

Mas, para felicidade nossa, homens tivemos como FRANCISCO MORATO que, levados pela experiência e saber, pregaram o ideal lastreado na compreensão indissimulável de que a história de um povo se funda na esteira do progresso e que este tem compromisso com o passado. As instituições fundamentais solidificam-se com alicerces e é sobre eles que se erguem os novos empreendimentos da nacionalidade, sob pena de total comprometimento de todo o seu arcabouço.

Esta era a eloqüente fórmula de sabedoria política propagada pelo mestre, e que, no momento exato, norteou a rota de quantos se bateram pela reintegração constitucional de nossa pátria.

Afastou-se dignamente de quantos o cercavam no movimento solapado, relegando proveitos e favores, convicto da verdade exaltada por TOBIAS BARRETO de que “os partidos políticos, como os corpos vivos, sempre que alheados de seu espírito, desagregam-se e se dissolvem”

Se, como os companheiros de jornada, encetou a mesma trilha, se percorreu e sentiu o cansaço da ingente luta, uma diferença o distinguiu dos demais: não descansou à sombra das mesmas árvores, nem colheu na vereda as mesmas flores, porque cedo se desiludiu dos motivos e da sinceridade dos que empunhavam o estandarte da redenção.

Veio a Revolução. São Paulo pôs-se de pé como um só homem em prol da reconstitucionalização do país. Nessa marcha fascinante FRANCISCO MORATO elevou-se como um dos mentores da causa, compondo a “Junta Governativa” instalada e, a final, padeceu, como tantos outros paulistas padeceram, o amargor da prisão e o fel do exílio.

Preso, foi conduzido à Casa de Detenção, no Rio de Janeiro, onde, para maior glória de seu nome, prestou seu depoimento: um relicário de palavras que definiam a sua coragem, o seu caráter, a inabalável convicção de seu ideal, a sua consciência cívica, o seu destemido patriotismo.

Nesse instante de sua vida, como uma legenda, projeta-se aquela profecia de seus passos, de que vos adverti e que me apraz repeti-la: “Tende coragem e firmeza: é assim que se chega às alturas, é assim que o cidadão se faz digno da Pátria”

Essa coragem, essa firmeza, para gáudio de sua memória, finca-se nesse depoimento de emocionante elevação moral e cívica, quando disse que:

“A maior ofensa e o mais pungente ultraje que poderia padecer em sua vida, seria o de supor capaz de sair da linha de compostura e altivez nos sofrimentos, de faltar à solidariedade para com seus companheiros, de esconder seu devotamento infinito ao seu Estado e de procurar atenuar a sua responsabilidade, nas horas aflitivas em que São Paulo, solitário e desamparado nos sonhos de um grande idealismo, estremece nas amarguras de sua própria grandeza”.

Se o tempo é um punhado de cal, há, entretanto, páginas de civismo nos passos da história que a sua voragem não consegue desvanecer, porque ficam marcadas, ou com sangue, ou com o negror do nanquim no pergaminho da memória.

Esta, é uma delas, sem esquecer que aquelas palavras, num crescendo, qual empolgante rapsódia, ainda mais se iluminaram quando o mestre de civismo, aos seus candentes desejos ajuntou que uma graça pedia aos vencedores, a única que podia pedir:

“a de fazerem recair sobre sua pessoa, somente sobre sua pessoa, toda a responsabilidade pelo movimento que participara”

— “Página estoíca”, disse alguém.

— “Página de fé”, exclamou VICENTE RÁO, seu companheiro de lutas diuturnas, em memorável discurso que proferiu nesta sala, no dia 6 de junho de 1938, quando a Egrégia Congregação desta Faculdade conferiu a FRANCISCO MORATO o título de Professor Emérito.

*Professor Emérito*: a maior insígnia acadêmica que a nossa “Velha Faculdade” poderia outorgar-lhe e que, no realçar do homenageado constituía “a mais excelsa, a conspícua, a mais dignificante, a mais cobiçada das honras” que podia receber.

Aceitando-a, como um prêmio a coroar sua jubilação oficial na cátedra, com a alma cativa de enlevos, afirmou que aquela distinção, de excepcional relevância, era uma honra que se alteava na sua munificência e o prostrava nos recessos da alma por considerar, por um lado que era a primeira vez que a nossa tradicional Academia liberalizava a supina distinção a um de seus professores; por outro, porque a homenagem o atingira de surpresa, pelo voto unânime de seus queridos colegas.

Professor emérito, mestre inesquecível deste “Templo de Luzes” — como assim ele o chamava — em que suas aulas eram o enfeixe da eloqüência moldada na limpidez clássica e da versatilidade doutrinária haurida nos mais renomados cultores do Direito. Versatilidade doutrinária que se abeberava nos práticos lusitanos dos séculos XVI a XVIII, em cuja galeria figuravam, entre outros, MENDES DE CASTRO, CUNHA FRANÇA, MARTINS CAMINHA, ALVARES PIEGAS, e, entre os nossos, os lineamentos perfilhados por PEREIRA E SOUZA, TEIXEIRA DE FREITAS, SOUZA PINTO, PAULA BATISTA, RAMALHO, JOÃO MONTEIRO, JOÃO MENDES, neles traduzindo a evolução processual, as controvérsias e os refinados conhecimentos até alcançar nossos dias, sem que se despercesse de próceros alienígenas do porte de MORTARA, CHIOVENDA ou CARNE-LUTTI.

Havia nele a vocação do jurista. A par com seus ensaios, pareceres e conferências legou-nos obras do mais alto alcance jurídico, entre elas a *Carta Testemunhável*, *Miscelânea Jurídica* e *Da Prescrição nas Ações Divisórias*, gemas de valor elevado e clássicas.

Lamentável é que não tivesse enriquecido nosso mundo jurídico com o seu *Direito Judiciário Brasileiro*, que deliberou escrever, iniciando suas primeiras páginas em maio de 1947, chegando a redigir quarenta e sete delas quando a morte, sempre impiedosa, ceifou sua existência. Morreu com os olhos postos no futuro, sempre guardando a fé e a esperança.

Eu vos disse que FRANCISCO MORATO era um exímio e provecto advogado.

Não sei o que mais louvar, o que mais enaltecer, no descortino que emprestava ao exercício de sua profissão, se a limpidez da linguagem sempre entretecida em encantadora facundidade, ou o surto altiloqüente de seu gênio sempre a decantar ensinamentos profundos, subjungidos na fé dos conhecimentos que enraigava e nos quais a tudo sobrepunha os postulados da liberdade e da justiça.

Magistrado que sou, não desejo alçar minha voz, retratando-o.

Para tal mister, valho-me dos esplendores evidenciados pelos seus colegas, deixando que outro advogado, alguém que, como ele, sentiu na carne tanto as amarguras como as doçuras da lida diária, diga da sua luta e da projeção que seu nome alcançou.

NOÉ AZEVEDO, nosso confrade, que sempre viverá nas prantinas de nossas evocações, no dia 21 de maio de 1948, quando FRANCISCO MORATO baixava ao túmulo, orava numa palavra de adeus: “Para fazer o seu elogio, bastaria dizer que foi um advogado perfeito, representando o tipo ideal de nossa profissão. Tinha da mesma um extraordinário orgulho, e demonstrava inexcedível amor ao seu exercício. Sentia-se que era com verdadeiro amor que ele redigia os artigos dos libelos e contestações, apresentando-os como os primores de síntese e de lógica. As alegações, escritas ou orais, desenvolviam-se com a solidez e harmonia vazadas na sobriedade da arquitetura clássica. Jamais abusou das citações, que carregam os arrazoados como o excesso de enfeites do estilo barroco; guardava a pureza de linhas que só conseguem traçar os estetas consumados. Redigia e falava um português clássico, muito mais achegado aos moldes límpidos de BERNARDES que os pomposos artifícios de VIEIRA. Considerando a palavra falada como a ressonância perpétua daquele verbo divino com

que se lançou ao mundo a criatura humana, timbrava em comunicar diretamente ao auditório as idéias que brotavam da inteligência e vinham sempre aquecidas pela emoção. Conseguiu, assim, produzir orações em que palpitava a vida”

Do advogado, que ele próprio o diga. Em memorável oração que proferiu nesta Casa, rendendo sua homenagem ao gênio e à fidalguia de ESTEVAM DE ALMEIDA, exalçou os deveres do profissional, os cruentos instantes que o cercam na labuta diária, os conhecimentos e erudição que devem exorná-lo, a elegância, ornamentos e finura de homens familiares com as belas-letas e belas-artes, a coragem e o zelo que deve ter no empreendimento, tudo enleado a respeito para com seus pares e magistrados e a coberto de plena independência moral.

Afervorado numa passagem do grande magistrado francês, HENRI AGUESSEAU advertiu: “Os advogados devem inspirar-se nos grandes modelos, de maneira a reproduzir-lhes antes o gênio e o caráter que o pensamento e a linguagem: imitar Cícero como Cícero imitava Demóstenes, acompanhar Virgílio como Virgílio elegantemente acompanhava Homero e de suas belezas aproveitava, trilhar Vieira como o maravilhoso jesuita trilhava a São João Crisóstemo, reproduzir Lafayette como quando Lafayette, na exação impecável do pensamento, no incomparável primor do estilo e nos prodígios das sínteses estupendas, escrevia e ensinava como se fora Ulpiano escrevendo e ensinando direito na linguagem portuguesa”.

Do advogado só me resta acrescentar, louvado sempre na oração magnífica, que a sua atividade não se restringia aos ditames do Direito, ou à dialética sublimada dos torneios processuais. Ia além, porque a tudo soerguia a retidão do procedimento moral, elevando-se sua ação como exemplo, como paradigma de conduta, porque trazia em si o sentimento enraigado da dignidade da profissão. Dignidade que enunciava e repetia com verdadeira untura, como que a compor

um breviário de conceitos morais, um evangelho de princípios éticos da profissão do advogado.

Esse evangelho foi condensado em esplendoroso *Código de Ética Profissional* onde se decalca todo o substrato moral da profissão, elevando a advocacia a um sacerdócio, obra magnífica que mereceu de nosso ilustre confrade RUY DE AZEVEDO SODRÉ, em seu esmerado livro *A Ética Profissional e o Estatuto do Advogado*, especial reparo, quando assinala: “Em São Paulo funciona regularmente, prestando reais serviços à classe, o Tribunal de Ética, cujo regimento interno foi redigido pelo saudoso PROFESSOR FRANCISCO MORATO, seu primeiro e grande presidente”

Senhores. Os gênios têm o divino dom de transformar em epopéia o que para o normal dos homens é vulgar. “Como as estrelas, beijam eles os pés do Onipotente”.

Atentai para MIGUEL ÂNGELO. Sua arte não se ateve ao ciclo de civilização de seu tempo. Sua visão não se aperrou ao momento estático, mas espelhou perspectiva de formas que permeavam a exaltação que os homens do futuro vieram a espreitar, traduzindo-se num assomo de modernidade.

Em seu vôo condoreiro, perscrutou a alma humana, devassou-a, desvendou-a.

Se de um lado foi volutuoso, quase sensual, de outro, foi suave, romântico, quase litúrgico. Contemplai-o: da lascívia complexa de “Baco”, paradoxalmente, legou-nos a delicada “Madonna Pitti”, de tenra e mansa doçura; o exultante triunfo da juventude que suscita na “Vitória” transfigura-se na consternação da “Madame de Medicis”; da espiritualidade de São Mateus à sensualidade da “Aurora”; do orgulho e a ira imperiosa de “Moisés” à mansa resignação do “Prisioneiro”.

É o gênio. Para esses gigantes, criadores de formas, o mármore é o elemento e o meio para atingirem a deificação,

porque nele burilam a arte requintada, imprimindo à sua pureza ebúrnea o plasticismo e o linearismo que a inspiração exuberava.

Caberia a mim cinzelar a magnífica personalidade do patrono eleito e, por certo, desfalquei-o ao plasmá-lo, tão desprimorado que sou de engenhos sutis.

Tive nas mãos o melhor mármore e o melhor modelo, mas faltaram-me predicados de espírito, aquela arte soberana que sabe divinizar a mensagem, nela incrustando o adereço mais delicado da expressão poética.

Todavia, fui sincero. Dei de mim o que mais poderia atinar e ter feito, sem que, entretanto, pudesse expungir-me do vício da falta de desteridade.

Essa balda, falha inescusável traz-me à lembrança uma página de ANATOLE FRANCE quando, com peregrina arte e beleza, descreve que, certa feita, num templo, o prior e dois veneráveis de um convento surpreenderam um de seus irmãos diante do altar da Virgem, a cabeça para baixo, pés no ar, a executar em seu louvor jogos espertos, fazendo pelóticas com bolas de bronze luzidias e facas aduncas.

Rude que era e sem ilustração para tecer sermões edificantes, finas pinturas ou versos bem rimados, desenvolvia ele as suas habilidades e lhes emprestava tudo quanto havia de mais elástico e atraente no jogo da destreza.

Era a sua maneira, tão sinceramente sua, de louvar a Mãe de Deus, na mais simplória e humilde devoção.

E os três espectadores já se aprestavam a arrastá-lo dali quando viram a Santa Virgem descer os degraus do altar, para enxugar com a ponta do manto azul o suor que escorria da frente de seu jugal.

Senhores Acadêmicos: perdoai também a canhestrice deste vosso confrade que, à semelhança daquele “jongleur

de Notre Dame”, prédica outra soube encarecer àquele que de tanto era merecedor, senão enredando este tão desordenado devotamento que só traz em si o prêmio da sinceridade.

Asseguro-vos que tudo foi para mim motivo de orgulho e da mais sublimada inspiração porque, com ênfase repito: FRANCISCO MORATO era um conspícuo homem público, exímio e proecto advogado, mestre incomparável e insigne, jurista excelso e um grande sacerdote do Direito.